

## Para além dos limites, onde quase tudo fica longe: a expansão urbana e as dinâmicas socioespaciais em Campinas (SP)

### Beyond the limits, where almost everything is far away: urban expansion and socio-spatial dynamics in Campinas (SP)

### Más allá de los límites, donde casi todo está lejos: expansión urbana y dinámica socioespacial en Campinas (SP)

Alexandre Carvalho de Andrade – [alexandre.andrade@ifsuldeminas.edu.br](mailto:alexandre.andrade@ifsuldeminas.edu.br)  
Professor do IFSULDEMINAS/Poços de Caldas e do PP GEO/UNIFAL-MG  
Orcid : <https://orcid.org/0000-0002-6787-4285>

#### Resumo

Este artigo tem como objetivo demonstrar os processos de crescimento que ocorreram em Campinas, e sua região metropolitana, e as dinâmicas socioespaciais que incidiram neste espaço geográfico. Fazendo usos de procedimentos metodológicos, como levantamento e análise de dados demográficos, materiais cartográficos e fotográficos, revisão bibliográfica e trabalhos de campo, a pesquisa evidencia a perda de dinamismo e de protagonismo da área central, para as classes sociais de maior poder aquisitivo, e a formação de subcentros, a implantação de shopping centers, e a difusão de residenciais fechados, colaborando para o aumento das desigualdades socioespaciais.

**Palavras-chave:** Dinâmicas Socioespaciais; Centro; Desigualdades; Periferização.

#### Abstract

This article aims to demonstrate the growth processes that occurred in Campinas and its metropolitan region, as well as the socio-spatial dynamics that impacted this geographic space. Using methodological procedures such as the collection and analysis of demographic data, cartographic and photographic materials, a literature review, and fieldwork, the research highlights the loss of dynamism and prominence of the central area to the higher-income social classes, and the formation of subcenters, the implementation of shopping malls, and the spread of gated communities, contributing to the increase in socio-spatial inequalities.

**Key words:** Socio-spatial Dynamics; Center; Inequalities; Peripheralization.

### Resumen ou Résumé

El objetivo de este artículo es mostrar los procesos de crecimiento que se han producido en Campinas y su área metropolitana, así como las dinámicas socioespaciales que han influido en este espacio geográfico. Mediante el uso de procedimientos metodológicos, como la recopilación y el análisis de datos demográficos, materiales cartográficos y fotográficos, la revisión bibliográfica y el trabajo de campo, la investigación pone de manifiesto la pérdida de dinamismo y protagonismo de la zona central para las clases sociales con mayor poder adquisitivo, y la formación de subcentros, la implantación de centros comerciales y la difusión de residencias cerradas, lo que contribuye al aumento de las desigualdades socioespaciales.

**Palavras-chave:** Dinâmicas Socioespaciais, Centro, Desigualdades, Periferização.

Recebido em:17/11/2025  
Aceito para publicação:02/04/2026

## Introdução

A cidade de Campinas teve seu processo de crescimento mais acelerado a partir de meados do século XX, quando passou a atrair significativos investimentos industriais, e em setores comerciais e de prestação de serviços. Com isso, foi se constituindo a Região Metropolitana de Campinas, e as ocorrências de novas dinâmicas, como a fragmentação, as desigualdades socioespaciais, e a formação e consolidação de subcentros e de novas centralidades.

Este trabalho tem como objetivo demonstrar os processos de crescimento populacional e expansão urbana na cidade de Campinas e sua região metropolitana, assim como elucidar os processos de perda de protagonismo da região central campineira, concomitante aos novos processos de uso e produção dos espaços urbanos, dentre eles as implantações de shopping centers e condomínios fechados.

Para a realização da presente pesquisa, foram utilizados, de maneira integrada, de distintos procedimentos metodológicos, tais como a revisão bibliográfica, acerca das temáticas apresentadas neste trabalho, assim como sobre a área de estudos; levantamento e análise de recursos cartográficos e demográficos; usos de recursos fotográficos e de campanha publicitária. Importante mencionar que o autor morou em Campinas e mantém relações um tanto próximas com a cidade, desde a década de oitenta, e, com isso, desenvolveu variadas formas de vivências e, também, trabalhos de campo formais e informais na área de estudos.

## Campinas, da cidade média à metrópole

O contingente populacional permite que se estipule a condição de uma “cidade média” em um dado período histórico, pois um centro urbano com 100 mil moradores constituía uma situação no Brasil de 1940, e outra completamente distinta na realidade de 2000, fazendo com que a cidade “média” possa vir a ser um estágio transitório (Corrêa, 2007). Com os processos de crescimento populacional, as dinâmicas econômicas e socioculturais locais/regionais, e as

mudanças em seus papéis em uma dada rede urbana, uma cidade média de outrora pode vir a se constituir, posteriormente, uma metrópole, e este é o caso da cidade de Campinas. Esta, se considerada uma cidade média até o início dos anos 70, no presente, com 1.139.047 habitantes, é o núcleo de uma região metropolitana com população superior a três milhões de habitantes (IBGE: Censo Demográfico, 2022). Além disso, de acordo com o estudo Regiões de Influência das Cidades (IBGE: REGIC, 2018), Campinas é considerada como uma “Metrópole” no conjunto da rede urbana nacional, sendo, inclusive, a única nesta situação que não é uma capital estadual.

No decorrer das últimas décadas, houve evidente redução na participação da região metropolitana de São Paulo na produção industrial brasileira, porém, concomitante a isto, ocorreu a concentração das atividades voltadas a gestão, inovação, circulação e comunicação na referida metrópole. (Cano, 2011). Diversos municípios, em especial os localizados às margens das principais rodovias, foram beneficiados com a desconcentração industrial, a partir da metrópole paulistana, e, dentre eles, um dos que mais se industrializou foi Campinas, o que refletiu diretamente na dinamização e diversificação econômica, na atração de afluências de migrantes e, conseqüentemente, no crescimento populacional.

O crescimento populacional acelerado, em primeiro momento ocorreu no núcleo da Região Metropolitana (cidade de Campinas), depois houve maior intensidade do crescimento nos municípios periféricos (Tabela 1); com isso, se em 1970, Campinas possuía 60,7% da população, em 2010 passou a perfazer 38,8% do contingente demográfico da Região Metropolitana (Nascimento, 2016). Este processo de periferização metropolitana, nas últimas décadas do século XX, foi demonstrado por Bremaeker (2000), também, para as regiões metropolitanas de São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Recife, Salvador, Fortaleza, Porto Alegre, Curitiba e Belém.

**Tabela 1** – Crescimento populacional em Campinas e Região Metropolitana (1970-2010).

Município	População Urbana					Crescimento Anual (%)			
	1970	1980	1991	2000	2010	1970-1980	1980-1991	1991-2000	2000-2010
Campinas	335.756	589.310	820.203	952.003	1.062.453	5,79	3,05	1,67	1,10
Total RMC	553.063	1.129.205	1.772.775	2.272.353	2.736.644	7,40	4,19	2,80	1,88

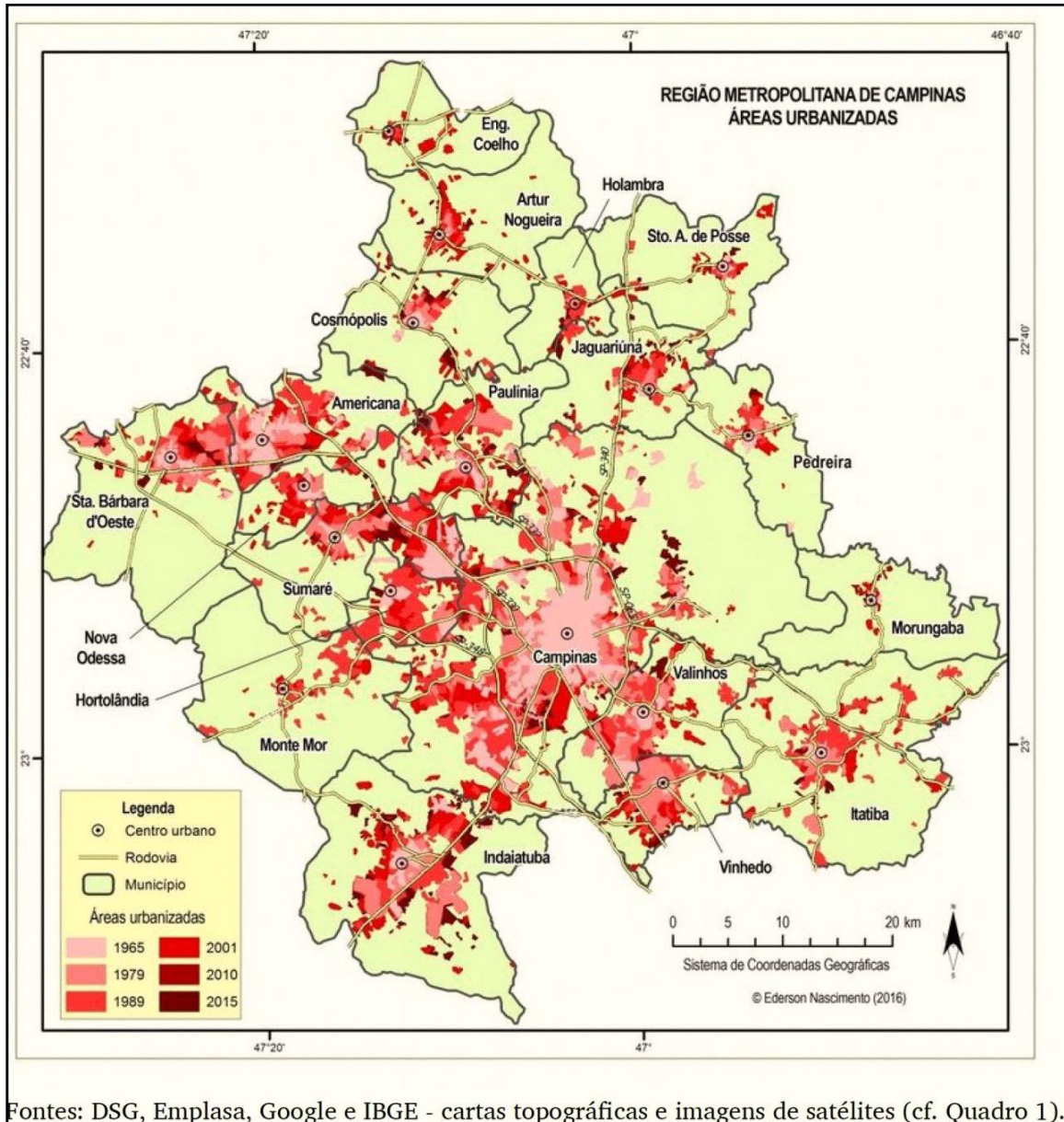
Fonte: IBGE (Censos demográficos de 1970 a 2010).

Fonte: Nascimento (2016, p. 76-77), modificada pelo autor.

É importante ressaltar que a Região Metropolitana de Campinas é parte integrante da Macrometrópole Paulista, que engloba, também, as regiões metropolitanas de São Paulo, Baixada Santista, Sorocaba, Jundiaí, Vale do Paraíba e Piracicaba, sendo a mais densamente urbanizada, e de produtividade econômica do país e onde se desenvolveram múltiplas centralidades e intensas circulações de pessoas, mercadorias e de serviços, que são subsidiadas pela densa rede de transportes e de comunicações (Limonad, 2007). São intensas e frequentes as migrações pendulares, tanto nos contextos intrametropolitanos, quanto até mesmo, macrometropolitanos (Silva et al, 2017), que favoreceram, por exemplo, a implantação e a expansão dos condomínios residenciais fechados no setor leste de Campinas, e nos municípios de Holambra, Indaiatuba, Vinhedo e Valinhos, e os loteamentos populares e conjuntos habitacionais em Hortolândia, Sumaré e Monte Mor.

O intensivo crescimento populacional motivou, juntamente com outros processos, para a expansão urbana em Campinas e na região metropolitana. Municípios como Sumaré, Indaiatuba, Hortolândia, Americana, Santa Bárbara do Oeste, Valinhos, Itatiba e Paulínia possuem populações superiores a 100 mil habitantes (IBGE, 2022), tiveram significativos crescimentos e formam, juntamente com Campinas, uma ampla área conurbada (Figura 1).

**Figura 1** – Expansão urbana na Região Metropolitana de Campinas (1965-2015).



Fontes: DSG, Emplasa, Google e IBGE - cartas topográficas e imagens de satélites (cf. Quadro 1).

Fonte: Nascimento (2016, p. 82)

Foram e são importantes indutores para a expansão urbana, os sistemas de transportes (avenidas, rodovias e aeroporto de Viracopos), as indústrias, os shopping centers e as universidades (Unicamp e Puccamp em especial), além, claro, de novas áreas residenciais. Diferentes formas de produção do espaço se fizeram presentes nos processos de expansão urbana de Campinas e da região metropolitana, tais como a verticalização periférica (na maior parte constituída por blocos de apartamentos, inclusive de programas estatais de moradia),

conjuntos habitacionais, loteamentos populares, ocupações informais (favelas) e condomínios fechados. Concomitante a isso, em especial a partir da década de 70, do século XX, ocorreu intensa verticalização urbanas das áreas pericentrais de Campinas (Cambuí, Bosque, Botafogo, Guanabara), e importantes mudanças nas formas e nas funções de construções anteriormente edificadas na área central campineira.

Motivados por fatores históricos, ambientais, paisagísticos e socioeconômicos, os maiores shoppings e condomínios residenciais foram implantados no setor leste da Região Metropolitana (Campinas, Vinhedo, Valinhos), enquanto o noroeste e o sudoeste alocaram, grandes indústrias, loteamentos populares, conjuntos habitacionais e ocupações informais (Campinas, Sumaré, Hortolândia e Monte-Mor).

O espaço urbano gradativamente se torna fragmentado, em decorrência de seus distintos tipos de usos, e conseqüentemente das lógicas sociais, econômicas, geográficas, políticas e culturais que se interagem, e ao mesmo tempo é articulado, por meio da circulação de pessoas e de veículos pelo espaço, mas também das decisões políticas e econômicas que nele incidem (Corrêa, 1997). A região metropolitana de Campinas, assim, vai ficando progressivamente mais polinucleada, com centros originais, subcentros e novas centralidades, e, também, com significativas desigualdades socioespaciais.

### **Do centro para o distante, dos pedestres para os automóveis**

Entre as décadas de trinta e quarenta, do século XX, ocorreram as demolições de edificações, muitas delas de grandes valores arquitetônicos e simbólicos, para alargamento de ruas e avenidas centrais e a implantação do Palácio da Justiça, como partes integrantes do Projeto de Prestes Maia para Campinas. Posteriormente, e constituindo a segunda parte do mesmo projeto, entre os anos de 1956 e 1962 foram implantadas importantes avenidas que ligam o centro às rodovias e à outras partes da cidade, tais como Moraes Salles, Anchieta e Orozimbo Maia (Pedroso, 2007).

A destruição dos referenciais urbanos e do patrimônio cultural é perceptível no desaparecimento de marcas importantes do passado campineiro,

tais como a Igreja do Rosário, demolida em 1956, o Teatro Municipal, em 1965, e a praça Lago dos Cisnes, que, primeiro foi cercada pelo Viaduto Miguel Cury, na década de sessenta, e posteriormente deu lugar a um terminal de ônibus nos anos oitenta (Oliveira, 2012).

No final dos anos setenta, época considerada como o seu “auge”, o centro alocava os cinemas da cidade, vários dos melhores hotéis, bares e restaurantes, e recebia investimentos em atividades comerciais de grande porte (Pedroso, 2007). Com a expansão urbana, a cidade foi marcada por um modelo residencial de suburbanização e, apesar de alguns projetos e ações que intencionaram valorizar o centro, ocorridas entre os anos setenta e o início do século XXI, progressivamente as atividades mais nobres deslocaram-se para outras centralidades da cidade, enquanto o centro se popularizou e passou a predominar o comércio voltado a uma população de baixa renda. As ausências de maiores atratividades e mesmo de moradores, colaboraram para a ínfima vitalidade noturna e/ou em domingos e feriados, favorecendo a expansão da violência e da prostituição, e resultando na intensa degradação (Oliveira, 2012). O mosaico de fotos da figura 2, evidencia algumas características e usos do espaço central de Campinas, na atualidade.

**Figura 2** – Aspectos do centro de Campinas.



Fonte: Acervo do autor. Fotos 1 e 2 (2017) 3 e 4 (2025).

A área central de Campinas teve o apogeu de sua verticalização entre os anos quarenta e cinquenta do século XX (Oliveira, 2012) e recebeu outras edificações nas décadas seguintes, formando uma área bastante densa de construções, conforme elucidada na foto 1. O abandono dos serviços de bondes elétricos, que em Campinas ocorreu no final dos anos sessenta, e a crescente presença de veículos automotores, fizeram com que avenidas, como a Moraes Salles (foto 2), efetivassem novos processos de circulação, colaborando para as existências de novas formas e funções habitacionais, comerciais, de prestação de serviços e entretenimentos em outras áreas da cidade.

Eixo de ligação entre a estação ferroviária e a catedral, desde o final do século XIX, a rua Treze de Maio se transformou na principal via comercial da cidade, e onde, nos anos sessenta e setenta, alocou as maiores e mais importantes lojas de departamento (Pedroso, 2007). Entretanto, com a desvalorização do centro, a rua se tornou estritamente de “comércio popular”, e fica plenamente esvaziada “de vida”, nos domingos e feriados (foto 3). O esvaziamento de pessoas fora dos horários comerciais, e as baixas sensações de segurança, se tornam

perceptíveis com o “estacionamento adaptado” na Praça José Bonifácio, para que as pessoas possam assistir as missas, de domingo, na Catedral Metropolitana, e ao final, rapidamente acessar seus carros e empreenderem o mais rapidamente a “fuga” da área (foto 4).

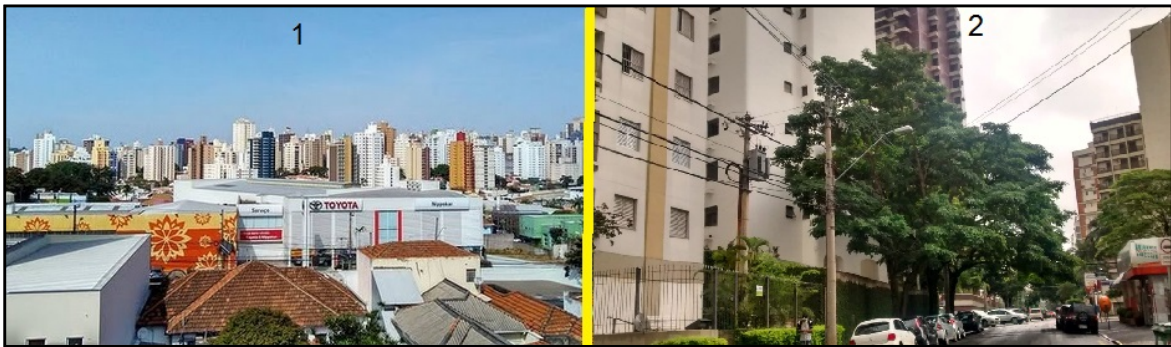
No centro de Campinas, não houve necessariamente um esvaziamento, uma vez que há fortes atividades comerciais e amplos movimentos de pessoas nos dias úteis. Contudo, houve uma desvalorização decorrente do abandono das elites e dos circuitos superiores da economia, predominando atividades majoritariamente voltadas às populações mais pobres, facilitadas pelas presenças de terminais de transportes públicos (Pedroso, 2007; Oliveira, 2012).

De acordo com Jacobs (2011), usos combinados, com variadas funcionalidades e em diferentes horários, que não só atraíam pessoas, mas as motivem a permanecer, para atividades tão distintas como trabalhar, encontros sociais, consumir, brincar, frequentar eventos culturais e estudar, contribuem para gerar vitalidade e diversidade. E, apesar de considerado uma “referência histórica e geográfica”, para significativa parcela da população campineira (Marandola et al, 2012), o centro deixou de ser local para lazer, hospedagem, entretenimento e práticas culturais, reduzindo sua oferta de locais com maiores diversidades de funções.

A expansão urbana de Campinas, em especial após os anos setenta, do século XX, extrapolou os limites municipais, e foi bastante significativo para formatar a atual região metropolitana de Campinas (Nascimento, 2016). Todavia, continuou bastante desigual, e, assim, em processo que se iniciou desde o final do século XIX, para os bairros “além linha do trem”, foram implantados loteamentos populares, conjuntos habitacionais e áreas de ocupação informal, em especial nos setores sul, sudoeste e noroeste; neste caso o processo de periferização mais pauperizada extrapolou os limites de Campinas, em direção aos municípios de Hortolândia e Sumaré. Por sua vez, ao norte, e especialmente ao leste, se estruturaram os setores comerciais e de prestações de serviços e bairros residenciais, voltados a uma população de alta renda, e constituem espaços com bairros nobres, shoppings e condomínios, evidenciando, assim, os contrastes existentes na metrópole.

Incidindo em praticamente todos os bairros, a verticalização urbana reproduziu as desigualdades socioespaciais existentes em Campinas. Nos bairros ocupados por populações de menor renda, os conjuntos habitacionais e edifícios de programas habitacionais, constituem maioria, como ocorrem, por exemplo, nos DICs. Enquanto nos setores leste e norte, e nos bairros pericentrais, como Bosque, Botafogo, Guanabara e especialmente no Cambuí, foram implantadas edificações de maior porte, conforto e custo, ocupados por membros das elites campineiras (Figura 3).

Figura 3 – Intensa verticalização no bairro do Cambuí. Foto 1: Concentração de edifícios no Cambuí, vista desde o bairro Guanabara. Foto 2: Rua Coronel Quirino, uma das ruas mais verticalizadas e com maior movimento de pessoas e veículos do bairro.

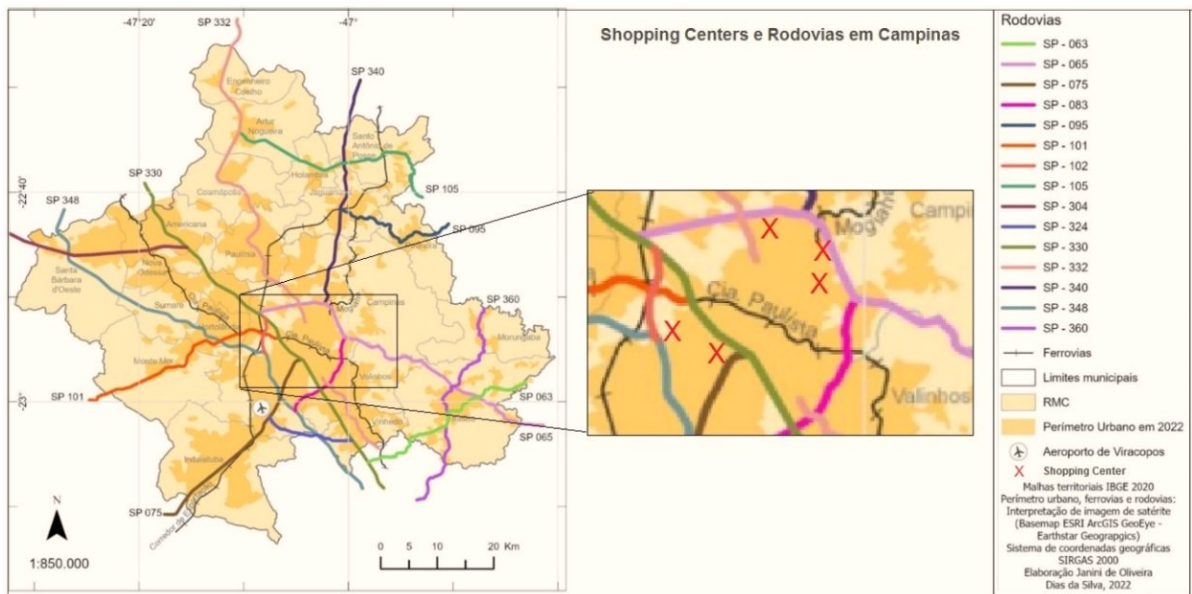


Fonte: Acervo do autor (2017).

Quando um espaço urbano se torna mais extenso e fragmentado, como acontece em Campinas, ocorre a separação dos locais de moradia, trabalho, lazer, cultura, serviços e consumo, e as circulações por estas áreas recorrentemente são disciplinadas pelo uso do tempo, cada vez mais racionalizado no cotidiano urbano das metrópoles. “Quanto maiores as distâncias necessárias a serem percorridas entre as distintas esferas da vida cotidiana como trabalho, residência, estudos, compras, etc, maior será a demanda pelo uso dos meios de transportes” (Ojima, 2007, p, 99). Atualmente, 46,1% dos deslocamentos para o trabalho, em Campinas, são realizados em automóveis; 31,6% em ônibus, 6,3% em motocicletas e 3,2% em outros veículos motorizados (vans, táxis, caminhões), sendo apenas 9% a pé (IBGE, 2022).

A difusão dos sistemas de transportes definiu novos espaços sociais nas cidades (Lefebvre, 1978). No contexto da cidade de Campinas, tal como aconteceu em outras metrópoles e cidades médias brasileiras, em especial a partir da década de oitenta do século XX, começou a presenciar a consolidação de subcentros terciários, e a implantação de shopping centers (Pedroso, 2007). No primeiro caso, em bairro pericentrais, como o Cambuí, a demolição e a mudança de funções de antigas residências, favoreceram a expansão dos setores comerciais, de prestação de serviços e de entretenimento, ficando as funções residenciais mais restritas aos apartamentos. Já os shopping centers, foram implantados, por suas características de ocuparem amplos espaços físicos, nas áreas periféricas e até então vazias (Figura 4), e colaboraram para a expansão urbana e o adensamento em seus entornos.

**Figura 4** – Espacialização dos shopping centers de Campinas, em 2025.



Fonte: Perez e Silva, 2023. Modificado pelo autor.

Os shopping centers de Campinas apresentam semelhanças em suas localizações, às margens ou nas proximidades das principais rodovias que cortam a cidade. E tal situação condiz com o “poder de atração” destes estabelecimentos para moradores da região de influência de uma cidade (Whitacker, 2007). Contudo, os mais valorizados, devido às suas ofertas de produtos, serviços, alimentação e entretenimentos, mas também pelo status social, estão nos setores

norte e leste da cidade, próximos dos bairros que possuem moradores com maior poder aquisitivo, que incluem os condomínios fechados.

No Brasil, as áreas periféricas se formaram a partir de ocupações pela classe de menor renda, e só posteriormente atraiu o interesse do mercado imobiliário, especialmente para a implantação de shopping centers ou de condomínios residenciais voltados às classes sociais de maior poder aquisitivo (Moura, 2008). Em Campinas, o primeiro shopping center foi o Iguatemi, implantado em 1980, que foi importante indutor da “urbanização extensiva” no setor leste da cidade. A ênfase nos espaços de autosegregação, voltados a uma população de alta renda, para justificar a “ótima localização” de um condomínio residencial na zona leste de Campinas, é elucidada na figura 5.

**Figura 5** – Campanha publicitária de condomínio residencial em Campinas.



Fonte: Campanha Publicitária, Residencial Araucária (2016).

A dispersa ocupação neste setor da cidade, onde a Rodovia Dom Pedro I é importante indutora, reflete o que Souza (2011) elucidou como urbanização “aos saltos”, em que os usos são direcionados por sistemas de transportes rodoviários, e os espaços vazios são associados a especulação imobiliária. Entretanto, neste

mesmo recorte espacial, existem algumas áreas favelizadas, que, evidentemente não foram demarcadas como integrantes da “ótima localização” do empreendimento, sendo enfatizados apenas os fatores “de atração” ao público alvo, majoritariamente de alta renda, como shopping, clubes de campo, escolas particulares e hipermercado.

“Uma vez que as formas de urbanização extensiva carecem dos serviços e equipamentos característicos da cidade concentrada (comércio, instalações públicas, áreas de lazer, etc.) são implantadas, junto à grandes rodovias e vias de circulação rápida, amplas zonas multi ou monofuncionais de comércio, saúde, ensino ou lazer, entre outras, em que combinam shopping centers, centros de negócios, instalações educacionais, etc.” (Limonad, 2007, p. 39).

Nestas áreas, marcadas pela autosegregação, as pessoas que optam por nelas viverem, possuem automóveis, para se deslocarem no espaço geográfico. Porém, para os moradores de amplas áreas favelizadas, tais como o Parque Oziel e o Campo Belo, situadas nas periferias desvalorizadas da região sul de Campinas, o morar distante dos empregos e dos espaços de consumo, lazer e entretenimento, foram consequências das vulnerabilidades socioeconômicas de seus moradores, e das grandes e persistentes desigualdades socioespaciais existentes na cidade (Rizzatti e Silva, 2017). Para os habitantes destas áreas, e de outras periferias pauperizadas, restam os extensos deslocamentos espaciais, para trabalhar, consumir produtos e serviços, e o lazer, sendo realizados por veículos próprios, ou, principalmente, por transportes públicos, sendo estes unicamente os ônibus.

### **Considerações finais**

O centro de Campinas tinha o protagonismo do comércio e do entretenimento, inclusive voltados a uma população de maior rendimento, até o início da década de oitenta, do século XX. A partir deste momento, a cidade e sua região metropolitana cresceram, a economia prosperou e se diversificou, e ocorreram importantes mudanças. Com isso, houve um contínuo processo de descentralização, surgindo novos shoppings e subcentros terciários, assim como persistiram e até aumentaram as desigualdades socioespaciais.

As situações retratadas em Campinas, de desvalorização das áreas centrais, a expansão urbana marcada pela segregação socioespacial, e a consolidação de novas formas de moradia, comércio e entretenimento, se

repetem em cidades médias e metrópoles brasileiras. E, para além dos processos imobiliários, econômicos e de mobilidade urbana, os abandonos das áreas centrais e dos espaços públicos, e suas substituições por espaços privados, tais como clubes de campo, shopping centers e condomínios residenciais fechados, contribuem efetivamente para as menores possibilidades de encontros e vivências coletivas por pessoas de distintas classes sociais, reduzindo, assim, a democratização dos acessos aos espaços campineiros.

## Referências

BREMAEKER, F. **Evolução demográfica dos municípios das regiões metropolitanas brasileiras, segundo a base territorial de 1997 (1960-1991)**. Rio de Janeiro: IBAM/APMC/IBAMCO, 2000. 21 p.

CANO, W. **Novas determinações sobre as questões regional e urbana após 1980**. Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais, v. 13 n.2, p. 27-53, 2011.

CORRÊA, R.L. **Trajetórias geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

CORRÊA, R.L. Construindo o conceito de cidade média. In: SPOSITO, M.E.B (org.). **Cidades médias: espaços de transição**. São Paulo: Expressão Popular, 2007. pp. 23-33.

JACOBS, J. **Morte e vida de grandes cidades**. SP; Martins Fontes, 2011.

LEFEBVRE, H. **De lo rural a lo urbano**. Barcelona: Península, 1978.

LIMONAD, E. Urbanização dispersa, mais uma forma de expressão urbana? **Formação**, nº14 volume 1 – p. 31-45, 2007.

MARANDOLA Jr, E.; PAULA, F.C; PAULA, L.T; PIRES, M.C.S. **Paisagem e imagem da cidade: a forma e a experiência urbana de Campinas**. Campinas: Núcleo de Estudos de População / Unicamp, 2012. 102p.

MOURA, R. Arranjos urbano-regionais: uma categoria complexa na metropolização brasileira. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, v. 10, p. 29-50, 2008.

NASCIMENTO, E. Região Metropolitana de Campinas (SP): cinco décadas de expansão urbana. **Boletim Campineiro de Geografia**, v. 6, n.1, p. 67-91, 2016.

OJIMA, R. **Análise comparativa da dispersão urbana nas aglomerações urbanas brasileiras: elementos teóricos e metodológicos para o planejamento urbano e ambiental**. 2007. 166f. Tese (Doutorado em Demografia) - Universidade Estadual de Campinas, IFCH Campinas, 2007.

OLIVEIRA, M.R.S. **Intervenções urbanas e representações do centro da cidade de Campinas/SP: convergências e divergências**. 2012. 333 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual de Campinas, IG, 2012.

PEDROSO, F. **O centro de Campinas (SP) - usos e transformações.** 2007. 133 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual de Campinas, IG, 2007.

RIZZATTI, H; SILVA, A.M.B. Cidades e contra-racionalidades: ocupações urbanas em Campinas/SP (do Parque Oziel ao Jardim Campo Belo). **Ra'e Ga**, v.40, p. 211 -230, 2017.

SILVA, J.O.D; MARTINEZ, P.J.P. Study of Mobility Patterns in Metropolitan Region of Campinas, São Paulo, Brazil. **Revista Nacional de Gerenciamento de Cidades**, v. 11, n. 83, 2023.

SILVA, K.A.A; CUNHA, J.M.P; ORTEGA, G.M.. Um olhar demográfico sobre a constituição da macrometrópole paulista: fluxos populacionais, integração e complementaridade. **Cadernos Metrôpoles**. vol.19, n.40, pp.721-748, 2017.

SOUZA, M.L. **ABC do desenvolvimento urbano.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011. 190p.

WHITACKER, A.M. Inovações tecnológicas, mudanças nos padrões locacionais e na configuração da centralidade em cidades médias. In: IX Colóquio Internacional de Geocrítica. **Anais...** Porto Alegre: UFRGS, 2007. p. 1-16.